



# A Teologia dos Titãs: estudo de três músicas da banda considerando sua visão teológica

The Theology of the Titãs: study of three songs of the band before considering their theological vision

*Luís Henrique Piovezan\**

Recebido em: 20/05/2024. Aceito em: 11/09/2024.

**Resumo:** A partir da análise de três composições musicais, com foco na Religião e em Deus, dos Titãs, banda de rock brasileira atuante desde a década de 1980, é verificada a relação entre essas músicas e a Teologia. Essas músicas são “Igreja”, “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” e “Epitáfio”. O artigo analisa o contexto de formação da banda e da composição das músicas para entender o seu significado teológico e a crítica realizada pela banda. Parte-se do pressuposto que a Teologia pode ser tanto acadêmica como popular, ocorrendo em diversas formas de manifestação, inclusive a artística. Assim, pode-se aceitar as músicas que falam sobre Deus e sobre a Igreja como Teologia. Para cada música analisada, verifica-se que a crítica realizada tem relação com questões apontadas por teólogos e por passagens bíblicas. Apesar da demonização que parte dos religiosos faz com o rock, demonstra-se que as músicas analisadas abordam questões teológicas, em especial, questões eclesiológicas. Isso leva a questionar as atitudes de censura do Estado e da Igreja perante a música popular. Considerando a necessidade de diálogo na Teologia, o artigo propõe uma visão mais dialogada e menos recriminatória de parte da Igreja perante a Arte que parece ofender o que muitos religiosos pensam ser dogmas básicos.

**Palavras-Chave:** música popular; Titãs; eclesilogia; religião.

**Abstract:** From the analysis of three musical compositions, focusing on Religion and God, by Titãs, a Brazilian rock band active since the 1980s, the relationship

\* Mestre em Engenharia de Produção (Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000). Graduado em Teologia (Centro Universitário Claretiano, Batatais, SP, 2019). Graduado em Engenharia Civil (Escola Politécnica da USP, São Paulo, SP, 1988).

E-mail: lhpiovezan@terra.com.br.



*between these songs and Theology is verified. These songs are “Igreja”, “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” and “Epitáfio”. The article analyzes the context of the band’s formation and the composition of the songs to understand their theological meaning and the criticism carried out by the band. It is assumed that Theology can be both academic and popular, occurring in various forms of manifestation, including artistic. Thus, one can accept songs that talk about God and the Church as Theology. For each song analyzed, it is verified that the criticism made is related to issues pointed out by theologians and biblical passages. Despite the demonization that part of the religious makes with rock, it is demonstrated that the songs analyzed address theological issues, especially ecclesiological issues. This leads to questioning the censorship attitudes of the State and the Church towards popular music. Considering the need for dialogue in Theology, the article proposes a more articulated, dialogued and less recriminatory view on the part of the Church towards Art, which seems to offend what many religious people think are basic dogmas.*

**Keyword:** *popular music; Titãs; ecclesiology; religion.*

## Introdução

Temas religiosos são comuns na música popular. Os Titãs, grupo de rock brasileiro formado nos anos 1980, não deixou de abordar temas religiosos. Pelas suas características, foram críticos, com algumas músicas consideradas ofensivas à Igreja. A questão que se coloca é se músicas consideradas ofensivas à Igreja podem ser objeto de análise teológica dentro da Igreja. A alternativa é considerar que essas músicas e seus conjuntos musicais devem ser alvos de proibições e censura, mesmo que veladas e discretas.

Associar o rock a uma Teologia soa, a princípio, como algo estranho, sem uma possibilidade aparente. O rock normalmente se revela como uma atitude rebelde e, no extremo, como uma atitude considerada diabólica, no sentido de ser contrário, divisional, opositor. Como indicam Paiva e Benatte (2017),

*Em linhas gerais, o rock é um meio de expressão de críticas e uma forma de transgressão comportamental de valores e normas da sociedade, pois, a partir dele, muitos jovens manifestaram (e manifestam) seu grito de repúdio a um sistema historicamente instituído: o capitalismo. A resposta dos segmentos sociais conservadores, em especial os religiosos, foi a sua condenação. Levando em conta que durante décadas o rock esteve no campo da marginalização e da negação pela sociedade devido à sua associação com o diabo e com o ocultismo, é que foi batizado como “criação do diabo” para perverter a juventude.*



A associação do rock a uma cultura diabólica, que deve ser condenada por sua vocação em se direcionar para o mal, surge da posição crítica de muitas bandas de rock. Mais do que proposições, as bandas apontam desilusões e vazios existenciais nem sempre bem resolvidos pela sociedade e por suas instituições, inclusive pela Igreja. Essa atitude leva à desordem que caracteriza as bandas e as músicas. Segundo Jorge (2012),

*É um estilo musical, em certa medida, barroco. Alimenta-se do excesso e do desassossego, dos sentimentos profundos e das andanças errantes. Toma pé a partir da desmesura, do desperdício, do exagero, da boemia, do erro e da incerteza das experiências de seu público e de seus compositores. É movido pela paixão e pela desordem, seus músicos colecionam histórias de experiências com excessos envolvendo drogas e comportamento socialmente inadequado, são protagonistas de vidas errantes, repletas de desencontros e calorosas acolhidas entre fracassos e sucessos.*

E essa desordem acaba gerando a busca por uma mestiçagem, por uma mistura de estilos, símbolos e críticas. As bandas tentam encontrar o diferente, o inusitado, o impactante. Beiram o ofensivo, o exótico. Como indica Jorge (2012),

*O rock é um estilo musical e comportamental mestiço aberto à participação de uma ampla gama de elementos, trabalha seus temas entre os fatos da cultura da qual fala e o que há de mais exótico para a mesma, traduz o som das ruas e os acordes imaginários, assim como busca na cultura do outro a sonoridade distinta daquela que conhece. Essa busca incessante pela expansão sonora e temática do rock, que traz elementos filosófico-religiosos de sociedades “distantes” para a cultura de massa, aparece, de forma clara, tanto nas composições dos Beatles como nas obras de Raul Seixas, está presente, também, nas músicas do Led Zeppelin, nas viagens de Jimmy Page e Robert Plant ao Oriente, e nas inovações sonoras do Pink Floyd.*

O rock é um início de debate, um grito, com o sistema filosófico-religioso da sociedade. O rock aponta problemas, indica situações. Mostra o caos que incomoda seu público.

Embora menos caótica que o rock, a Teologia também é algo que debate com os elementos filosófico-religiosos de uma cultura. E dialoga para encontrar com o diferente, com o diverso, com o outro. A Teologia usa algum método mais organizado e científico, mas isso não impede que se realize o diálogo entre o rock e a Teologia. Para mostrar a viabilidade desse diálogo, vão ser analisadas três músicas da banda Titãs



que apresentam temas teológicos. As músicas são “Igreja”, “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” e “Epitáfio”. As letras dessas músicas estão disponíveis em vários sites e não serão reproduzidas nesse texto.

Esse artigo não trata da relação entre Teologia e Arte, mas da manifestação de conteúdo teológico pela Arte. A questão que se pretende atingir é se o conteúdo simbólico gerado por letras musicais tem qualidade para suscitar debates teológicos aprofundados ou se são apenas protesto contra a Igreja ou contra Deus. Em outras palavras, se o debate da Arte com a Teologia é possível.

O método de análise das três músicas da banda Titãs se inicia pela caracterização do contexto social da criação banda e detalhes da composição de cada música. Para isso, foi usado como base a biografia da banda Titãs escrita por Marmo e Alzer (2022). Descrever esse contexto é importante para entender algo a mais que não foi colocado nos versos da composição.

Numa segunda etapa, é analisada a estrutura do poema, indicando o significado que o compositor quis dizer com a música. É feita uma análise literária do poema, de forma a interpretar o que os autores quiserem manifestar com a composição. O resultado dessa análise é comparado com uma posição de um teólogo e de um trecho do Antigo Testamento, que mostram a proximidade das posições dos Titãs com conceitos teológicos. Observa-se que não se trata de dizer que a banda Titãs fez Teologia da forma acadêmica, mas que os assuntos tratados em suas composições abordam temas teológicos.

Por fim, apresenta-se o embasamento dessa proximidade dos Titãs com a Teologia: o debate teológico é parte da vida das pessoas. Isso leva que a atitude da Igreja não deve ser a de censurar, mas a de dialogar com a realidade vivida e cantada. A Teologia não pode ser apenas um instrumento clerical e eclesial, mas deve estar atenta às alegrias e às esperanças, às tristezas e às angústias da vida nas suas mais diversas manifestações, inclusive na Arte (Concílio Vaticano II, 1965, GS 1).

## 1 A Banda Titãs: contexto e atuação

Como muitas outras bandas de rock, os Titãs surgem no fim da Ditadura (1964-1985) e no início da redemocratização. Com a abertura política, processo de liberalização da ditadura militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985, havia a esperança de um país melhor, mas não



era um cenário bom para a juventude. Essa situação de transição levava a um descontentamento como indica Fabricio (2023):

*O cenário político da década de 1980 era de instabilidade, falta de perspectiva e incertezas [...]. A transição de governo para a democracia era incerta e as melhorias ao povo eram desacreditadas. Os jovens roqueiros pareciam negar o sistema [...] numa postura quase anarquista. Anarquista no sentido de não querer ser governado, não querer ser comandado, visto que quem fazia isso estava comandando mal e não ao menos haviam sido escolhidos por eles.*

Na história dos Titãs, essa situação nacional se mesclou com uma educação diferenciada em termos de questionamento e ensino da Arte. Quase todos os componentes dos Titãs estudaram em séries próximas no Colégio Equipe, que utilizava processos próprios para a construção do conhecimento. Além da proximidade pessoal, a didática adotada pela escola priorizava uma maior socialização. Por sua origem na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o Colégio Equipe apontava-se como um local de resistência à Ditadura. Como indica o site da escola (Colégio Equipe, 2024),

*O Equipe teve início no final de 1968, inicialmente como curso preparatório para vestibular, formado por professores saídos do Cursinho do Grêmio da Filosofia, da USP. Desse núcleo, em 1972 formou-se o Colégio Equipe [...]. Espaço privilegiado de ensino e resistência democrática nos anos de autoritarismo, o Colégio Equipe foi uma referência importante no processo de abertura política do país, através de seus posicionamentos e, principalmente, do seu trabalho educacional fundamentado no pensamento crítico e participativo de alunos e professores.*

Fornecendo esse ambiente de debate e de resistência democrática, o Colégio Equipe estimulava a apreciação das Artes. Como Ana Mae Barbosa indica, eram raras as oportunidades de alunos apreciarem Arte (Barbosa, 1989):

*Apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças. Mesmo os livros didáticos são raramente oferecidos às crianças porque elas não têm dinheiro para comprar livros.*



A autora cita o Colégio Equipe como um dos dois únicos colégios, em 1989, em que o ensino da Arte buscava, entre outros fatores, a apreciação. No caso, a escola chegava a ter shows de artistas consagrados em seus pátios. Esse ambiente escolar moldou a forma como os Titãs atuavam e compunham. Como indicam Marmo e Alzer (2022, p. 26),

*os shows no Equipe, se por um lado davam a oportunidade rara de os alunos terem frente a frente pesos-pesados da MPB, por outro traziam um certo desconforto para a direção da escola. Duas eram as preocupações, embora não se tivesse muito o que fazer: a garotada que se espalhava pelos telhados vizinhos para assistir de graça as apresentações e os inevitáveis baseados que rolavam de mão em mão no pátio, sem tanta repressão, já que o proibido na escola, caracterizada pela liberdade dada aos alunos, ficava do lado de lá do muro.*

Essa liberdade dos alunos surgia do estímulo aos debates dentro da escola, de viés totalmente contrário à repressão advinda da Ditadura que definhava. Repressão que atuava, inclusive, pela censura às Artes. Como indicam Marmo e Alzer (2022, p. 23),

*os alunos do Equipe se dividiam basicamente em dois grupos. Um tinha forte orientação política de esquerda [...]. O outro, menos preocupado com questões ideológicas do país, estava mais interessado em produzir e digerir qualquer manifestação artística que viesse pela frente. Os futuros Titãs faziam parte desse segundo grupo. Tanto um quanto outro tinha um líder informal: Serginho Groisman. Serginho estudou na primeira turma do cursinho do Equipe, em 1971. Mas logo após entrar para a faculdade de Comunicação, voltou ao colégio, a convite da direção, para promover todo tipo de evento, como já fazia informalmente nos tempos de aluno.*

A consequência foi o surgimento da banda Titãs com um número excessivo de componentes, mas que agiam democraticamente com harmonia. As músicas dos Titãs eram escolhidas e avaliadas em grupo. Sabiam debater a necessidade de melhoria de uma canção ou de um arranjo. Outra característica foi a facilidade de fazerem críticas e experimentos.

Embora Rosa (2022) indique que os Titãs se localizam no “mainstream” em função das origens financeiras de suas famílias, isso não impede que, por uma educação voltada ao trabalho em grupo e à crítica social, possam apontar os problemas que surgem da concentração de riqueza. Apesar das condições econômicas iniciais, o senso crítico foi



desenvolvido o suficiente para permitir a banda fazer críticas profundas ao sistema vigente.

## 2 Primeira música analisada: Igreja

A primeira música a ser analisada é “Igreja”, composta por Nando Reis e gravada no álbum Cabeça Dinossauro (1986). Era o terceiro álbum da banda que iniciava sua carreira de sucesso. Um episódio marcante antecede esse álbum, que vai influenciar em sua forma. É a prisão, em 13 de novembro de 1985, de Arnaldo Antunes por tráfico de drogas. Segundo Marmo e Alzer (2022, p. 79),

*durante os 27 dias em que Arnaldo ficou preso, os Titãs tiveram doze shows cancelados, no pior momento para isso acontecer. Afinal, era com os cachês das apresentações que pagavam os salgados honorários dos advogados do cantor. Não bastasse a agenda esvaziar da noite para o dia, o empresário Aldo Gueto ainda sofria um boicote de produtores, que não queriam associar seu nome ao de um traficante de heroína.*

O grupo encarou essas prisões como uma violência desnecessária e as músicas apresentavam as indignações dos membros da banda. Nesse sentido, o álbum Cabeça Dinossauro incorporou músicas como “Polícia”, “Estado Violência” e “Família”. Após a escolha das primeiras músicas do disco pela banda, Nando Reis foi instigado a compor, pois tinha contribuído pouco para o álbum. Segundo Marmo e Alzer (2022, p. 97),

*Nando foi para a casa dos pais, no Butantã, e com o violão de náilon da mãe criou “Igreja”. A inspiração partiu de uma declaração de Roberto Carlos a favor da censura sofrida pelo filme Je vous salue, Marie, de Jean-Luc Godard. O baixista juntou a indignação com a posição do Rei à sua própria relação dúbia com religião e em apenas uma hora compôs a canção. Tudo às pressas porque àquela altura o repertório do novo álbum estava praticamente fechado.*

Mas a acolhida da nova composição não foi unânime pelo grupo. Alguns membros da banda, por sentimentos religiosos, não enxergaram a música como adequada. Segundo Marmo e Alzer (2022, p. 97),

*“Igreja” abriu uma polêmica inédita no grupo. A música dividiu a banda – o que era comum pela quantidade de compositores em comparação ao número de canções que entram num disco –, mas pela primeira e única vez na história dos Titãs a razão da resistência era uma questão moral e*



*não musical. Os versos “Eu não gosto de padre/ Eu não gosto de madre/ Eu não gosto de frei [...] Eu não gosto do papa/ Eu não creio na graça/ Do milagre de Deus” foram recebidos como tragos de genialidade pela maioria, mas Paulo e Arnaldo ficaram receosos.*

A democracia venceu e “Igreja” entrou no álbum. Arnaldo Antunes chegou a sair do palco em algumas apresentações.

A agressividade era clara pela estrutura da letra de Nando Reis, que se caracteriza pela repetição do mote “Eu não gosto”. Nos 18 versos da música, a frase aparece 10 vezes. E pelo uso de uma conjunção, são 11 situações que o autor não gosta. Além de não gostar, o autor não “monta presépios” e nem diz “amém”. Essas duas ações são associadas ao não questionamento na Igreja. Deixando de lado o mote “Eu não gosto”, a letra indica a crença do autor com a frase “Eu não creio na graça do milagre de Deus”. Por isso, o autor não gosta e não entra na Igreja. Não tem religião.

O significado original do verbo “gostar” vem do latim “gusto”, que significa apreciar o sabor, saborear. O autor não aprecia a estrutura da Igreja, que não permite questionar. Ele não diz “amém”, não “monta presépios”. Quer questionar. Uma graça que não permite o questionamento não é a graça que ele procura. Ele não entra na Igreja porque não crê numa graça em que o “milagre” é uma submissão.

A censura do filme “Je vou salve, Marie”, de Godard, que foi o motivo da crítica de Nando Reis, mobilizou o país. A polêmica culmina com a decisão do então presidente Sarney, apoiado pela Igreja Católica e por Roberto Carlos, de proibição do filme, que foi considerada autoritária (Tribuna da Imprensa, 1986). Carlos Drummond de Andrade, poeta famoso na época, reflete sobre a situação (Tribuna da Imprensa, 1986):

*Sou contrário ao filme e à proibição. Pelo que li a respeito do filme, é de mau gosto, não gosto de Jean Luc Godard como cineasta. [...] Mas, de qualquer maneira, não se pode proibir o filme.*

Mais do que um protesto contra Roberto Carlos, a letra de “Igreja” protesta contra um modelo de Igreja autoritária, que promove a censura de um filme para toda a sociedade sem permitir o questionamento. Ivone Gebara, teóloga brasileira, também combate essa Igreja autoritária (Gebara, 2022, p. 137):



*É nessa linha que podemos abrir algumas reflexões na linha da responsabilidade das religiões, não apenas na questão da laicidade do Estado, mas na linha da educação para a dignidade humana, educação para os direitos civis, proclamação renovada de nossas tradições religiosas e éticas em conversa com nosso mundo atual, e não como substituto para uma política de Estado. A conversa com as nossas tradições religiosas deve ser uma conversa também a partir de nosso tempo, a partir de nossas formas atuais de compreensão do mundo, de nossas epistemologias atuais inclusivas, e, por isso, não há lugar para imposições, para a repetição do que foi ensinado em sentido dogmático [...]. A pura repetição de uma tradição leva à sua morte ou à violência contra as novidades e as pessoas que as representam.*

Censurar um filme, proibindo o debate sobre ele, nega a possibilidade de questionamento e de crescimento da Fé. No preâmbulo da *Gaudium et Spes*, por exemplo, a Igreja se pretende diálogo com os homens de hoje (Concílio Vaticano II, 1965, GS1) e um pedido de censura mostra que esse diálogo não é pleno, ainda que se considere as ações sociais geradas pelo Concílio.

Questionar Deus e a religião não é algo surgido apenas na Teologia moderna. O livro de Jó traz um exemplo deste questionamento. Jó, um homem justo, questiona a Deus sobre a razão de seu infortúnio e sofrimento. Os amigos de Jó mostram a ideia de que os justos são prósperos. Jó, segundo os amigos, precisava confessar um pecado, ainda que não cometido. Jó quer entender a razão do sofrimento apesar de ser justo. Por exemplo, em Jó 6,2-4:

*Ah, se pudessem pesar minha aflição e pôr na balança meu infortúnio, seriam mais pesados que a areia do mar, por isso as minhas palavras são desvairadas. Levo cravadas as flechas de Shaddai e sinto absorver seu veneno. Os terrores de Deus assediam-me.*

Jó apresenta seu infortúnio e questiona o motivo. Coloca esta questão para Deus responder. Como considera Terrien (1994, p. 94) sobre o trecho citado,

*Os sofrimentos agiram como um veneno pernicioso em seu espírito. Deus é comparado ao caçador sem escrúpulos que usa flechas envenenadas. Foi ele quem provocou a deterioração mental e religiosa de Jó. O problema do mal está presente no espírito do poeta.*



Os amigos não ajudam Jó. Esses amigos condenam Jó e pedem que ele se cale. Jó não pode pensar sobre sua angústia e não pode questionar. Uma mensagem do Livro de Jó é a necessidade de pensar e isso leva a questionar. Jó quer entender. Como coloca Rossi (2017, p. 45),

*Nem só de revelação vive a teologia dos amigos de Jó! Também existe uma tradição que insiste na impossibilidade de pensar. Pensar, nesse caso, seria proibido. O totalitarismo não se apresenta apenas com cortes e cores de ordem política. Podemos falar também de um totalitarismo que nos leva a criar sistemas teológicos que dão voltas ao redor de si mesmos e, conseqüentemente, estabelecem o fundamentalismo como premissa básica de seu edifício.*

Assim, apesar de Nando Reis parecer colocar uma mensagem ofensiva contra a Igreja, o que o autor faz é uma crítica contra uma Igreja autoritária, que incita a proibição de um filme. Essa proibição não permite a cada um pensar e avaliar o filme, como se as pessoas não pudessem avaliar por si mesmas as qualidades e os defeitos. Essa infantilização leva o autor a não crer que, sendo autoritária, a Igreja proporciona a alguma graça. É um questionamento teológico.

A Teologia que a música apresenta, muito próxima da Eclesiologia, mostra que a Igreja deve ser um lugar em que as pessoas gostem de ficar, em que possam dialogar sobre Deus e não apenas ser um lugar de proibições. Igreja é lugar de pensar.

### 3 Segunda música analisada: Jesus não tem dentes no país dos banguelas

Outra música que pode ser considerada teológica é “Jesus não tem dentes no país dos banguelas”. Essa música dá nome ao quarto álbum da banda, de 1987. Apesar de ser uma canção minimalista, foi composta por Nando Reis e Marcelo Fromer. Ao contrário da música anterior, a letra de “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” surge de forma mais caseira e cotidiana. Como indicam (Marmo e Alzer, 2022, p. 115),

*A frase que virou a música-título do álbum [...] surgiu numa conversa corriqueira, mais uma vez dentro do ônibus que trazia a banda de uma apresentação. Nando, que àquela altura já era pai de Theodoro, o primeiro de seus quatro filhos com a psicóloga Vânia Passos, estava às voltas com um problema doméstico: precisava arrumar uma diarista.*



*Observadora, a mulher do baixista percebeu que quase todas as candidatas que apareceram para o emprego não tinham dentes e comentou com o marido: “Este é o país dos banguelas”. “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” – devolveu Nando, encerrando a conversa por hora.*

A frase acabou sendo usada em uma parceria com Marcelo Fromer. Pretendiam incluir na letra mais uma frase que teria uma crítica política, que acabou sendo tirada da música pela análise do grupo. Como indicam Marmo e Alzer (2022, p. 115),

*Mas a frase era forte demais para ficar naquele papo à toa. E Nando teve certeza disso quando fez a base da música com Fromer, no quarto da casa na rua Artur de Azevedo, em Pinheiros [...]. A dupla acrescentou ainda o recado “Ninguém acredita em você, senhor Ulysses”, mas o restante do grupo não gostou. Além de simpatizarem com o deputado federal e presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães, eles acharam que a segunda frase empobrecia a música.*

O empobrecimento estaria na mistura de uma crítica política direta e de pouco impacto semântico com uma frase de efeito com várias possibilidades de interpretação. O trocadilho dos sinônimos “sem dentes” e “banguelas” cria a força da frase que ficou na música.

“Dente” é uma palavra de origem latina, normalmente associada a uma estrutura culta, formal e correta. “Banguela” tem sua origem num topônimo africano, uma região de Angola chamada Benguela, um dos locais de origem dos povos escravizados no Brasil. Em Benguela, havia o hábito de limarem os dentes incisivos das crianças como indicam Almeida e Murakawa (2023),

*Essa unidade passou a referenciar ainda aqueles indivíduos que eram desprovidos de dentes na arcada dentária em alusão a uma prática comum entres os banguelas de limarem os dentes incisivos de suas crianças. Com o passar dos anos, tal unidade léxica perdeu sua primeira conotação e passou a referenciar unicamente aqueles que não têm dentes e/ou que não articulam muito suas falas.*

A ausência (“sem dentes”) é comparada com uma característica (“banguela”). Descreve-se Jesus por um termo culto, europeu, colonizador. Descreve-se o povo do país por um termo popular, africano, escravizado. Enquanto o rico olha a ausência, o pobre olha a característica. No “país” de quem tem dentes, Jesus “tem dentes”. Numa visão a



partir da elite, os cultos populares sempre apresentam falhas. Algo como ocorre, por exemplo, com as críticas à Teologia da Libertação. Como indica Libanio (2013),

*A dominação e a opressão, explicitadas pelas análises sociais de cunho dialético, provocaram as críticas à TdL como produto marxista. Naturalmente, isso supõe enorme confusão entre a objetividade da realidade, que alguns dados da análise marxista desvendam, e o sistema marxista, como um todo, com projeto, estratégia, visão filosófica atea e regime ditatorial nos países do Leste europeu. A TdL assumiu alguns dados da análise marxista e afastou-se do sistema na totalidade.*

Ao apresentar um Jesus sem dentes, banguela, que atende os banguelas, os mais pobres, Nando Reis e Marcelo Fromer indicam a necessidade de uma Igreja com a face dos mais pobres, como também pede o Concílio Vaticano II. Porém, ainda há uma divisão entre uma “Igreja com dentes” e uma “Igreja banguela”. Como indica Sung (2019),

*Para o Papa Francisco os direitos sociais dos pobres são direitos dados por Deus, para que eles possam viver como seres humanos em condições sociais dignas. Para Mises, Hayek e outros neoliberais, não há direitos humanos, mas somente direitos de proprietários e consumidores. Pois, para eles, nada de justo pode nascer fora do “mercado livre”. O nosso mundo globalizado está se dividindo em dois grandes blocos em conflito. [...] O conflito entre os que defendem ou negam os direitos fundamentais de todos os seres humanos.*

A Igreja deve voltar-se para os mais pobres, para os que não possuem (os “banguelas”). A Igreja deve ser contra a exploração da religião como instrumento de domínio e acumulação. E isso não é novo na Igreja. Por exemplo, tem-se o questionamento dos profetas como Amós (Am 7,10.12-15):

*Então Amazias, sacerdote de Betel, mandou dizer a Jeroboão, rei de Israel: “Amós conspira contra ti no seio da casa de Israel: a terra não pode mais suportar todas as suas palavras”. [...] Amazias disse então a Amós: “Vidente, vai, foge para a Terra de Judá; come lá o teu pão e profetiza lá. Mas em Betel não pode mais profetizar, porque é santuário do rei, um templo do reino”. Amós respondeu e disse a Amazias: “Não sou um profeta, nem filho de profeta; eu sou vaqueiro e cultivador de sicômoros. Mas Iahweh tirou-me de junto do rebanho e me disse: ‘Vai profetiza ao meu povo, Israel!’”*



O profeta Amós indica os problemas de uma religião oficializada, ligada ao poder político e econômico. O objetivo do santuário de Betel é desviar o povo do norte das peregrinações a Jerusalém, pois o Reino de Israel tem uma disputa política com o reino do sul, Judá. O Rei de Israel não quer profetas que critiquem sua posição política. A apresentação dos problemas do reino de Israel é vista como uma conspiração. Segundo Xavier (2019),

*A profecia de Amós permanece atual quando passamos a analisar a realidade do pobre [...]. A luta por uma sociedade mais justa, onde todos tenham acesso aos direitos mais básicos, permanece a sendo a mesma que o profeta tinha quando o seu povo padecia na mão dos poderosos. A voz de Amós permanece viva porque o pobre ainda sofre e Deus sofre a injustiça dos necessitados. A ofensa ao pobre é ofensa contra Deus e, o que difere deste pensamento não pode estar de acordo com a fé cristã. Amós não era um reformador religioso somente, mas defendia também a reforma social, trazendo uma visão conjunta.*

Apesar de Nando Reis e Marcelo Fromer apresentarem uma música com uma frase de efeito, essa frase traz uma crítica contundente a uma Igreja que pretende ser perfeita, que “tem dentes”, que se separa dos que são pobres. É necessário um Jesus que “perca os dentes”, que se torne “banguela”, pobre. É o que o debate sobre a Teologia da Libertação da época trazia para a sociedade. É um tema da Teologia.

Como na música anterior, trata-se de um tema muito próximo da Eclesiologia. O que se apresenta é que a Igreja deve ser um lugar em que o diálogo não se restrinja a apenas um grupo econômico, mas se volte para a inclusão de todos.

#### 4 Terceira música analisada: Epitáfio

A terceira música é Epitáfio. Ela é parte do álbum “A melhor banda de todos os tempos da última semana”, de 2001. Durante a preparação do álbum, já com as músicas escolhidas para o álbum, Marcelo Fromer é atropelado na Av. Europa e morto alguns dias depois, em São Paulo. Embora esse fato tenha abalado os músicos, a composição de Sérgio Britto já existia antes do acidente.

Ainda na escolha do repertório, Sérgio Britto apresentou a música. Após apresentar ao grupo, teve que fazer alguns aperfeiçoamentos no refrão. Marmo e Alzer (2022, p. 300) descrevem:



*Quem ouvia Epitáfio não tinha dúvidas que seria um sucesso. Caetano Veloso conheceu a canção ainda na fita demo que recebeu de Paula Lavigne. Ficou encantado com o refrão. Quando Charles masterizava o disco no estúdio Sterling Sound, em Nova Iorque, Caetano voltou a ouvir a música agora pronta e se encantou de vez. O apresentador Serginho Groisman também farejou que Epitáfio seria um hit e logo que o CD foi lançado, pediu à banda Altas Horas para ensaiar a canção. Serginho queria que a plateia de seu programa aprendesse a letra. Já Liminha a conheceu ao ouvir o novo álbum dos Titãs numa loja de discos. Dias depois, numa festa na casa de Tony, comentou com Brito: “Cara, fiquei chapado com essa música!”*

O tema é uma pessoa refletindo sobre a morte. O verbo “dever” no pretérito imperfeito impressiona por parecer que o cantor da música está falando do além-túmulo como o personagem Brás Cubas de Machado de Assis. Machado descreve um epitáfio no Capítulo CLI – Filosofia Dos Epitáfios (Machado de Assis, 1994):

*E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.*

Essa reflexão pretérita dos versos contrasta com o uso do tempo futuro do refrão: “O acaso vai proteger” indica que o personagem dessa música não está morto. Ele faz o propósito de amar mais, de ver mais o Sol, de trabalhar menos, de arriscar e errar. Ou seja, de deixar de lado as questões de poder mundano para saborear a vida.

Com isso, o personagem da música pode apreciar os outros respeitando a individualidade. “Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração”. Aceitar os outros é entender seu sofrimento e suas alegrias. Mas isso só ocorre se o foco da pessoa for menos “complicado”. Ou seja, que a pessoa deixe de criar nós em sua vida, que viva mais sua espiritualidade. Como indica Arantes (2019, p. 112-113).

*Ao longo desse tempo cuidando de tantas pessoas incríveis, percebi que o que faz girar esse eixo de espiritualidade dentro de cada um de nós é o Amor e a Verdade que vivemos com integridade [...]. Não importa qual é a nossa religião, não importa se acreditamos ou não em Deus. Se a nossa espiritualidade estiver sobre uma base de Amor e Verdade,*



*vivenciados e não somente conceituados, não importa o caminho que escolheremos, a vida dará certo. Sempre.*

Isso indica a imposição de limites à vida e às pretensões. Um limite representado pela morte e que a Humanidade quer fugir. Para Anselm Grün, essa necessidade de fuga da morte se materializa na ideia de um guru salvador (Grün e Robben, 2010, p. 175):

*Glorificamos um ser humano e tentamos estar sempre ao seu redor. Acreditamos que em última instância fazemos parte de sua qualidade de superar a morte. Projetamos no Guru a expectativa de nossa própria imortalidade. Ignoramos os seus limites, as suas fraquezas e imperfeições humanas, endeusando-o ao mesmo tempo. Desse modo, porém, esquivamo-nos de um passo fundamental de nossa vida: o encontro com a nossa própria morte e limitação. Pessoas que negaram as próprias limitações à sombra de um guru sentem mais dificuldades de se reconciliar com os seus limites quando são frustradas em suas expectativas ou quando se sentem ameaçadas de abandono.*

“Epitáfio” se coloca diante da mensagem cristã dos limites da vida pessoal. A religião apenas tem valor se essa limitação é considerada. Igreja não é seguir líderes, “apóstolos” e “bispos”. Igreja é refletir sobre a própria limitação. Essa limitação está indicada desde o Antigo Testamento. Por exemplo, em Ecle 12,1-8:

*Lembra-te do teu criador nos dias da mocidade, antes que venham os dias da desgraça e chegam os anos dos quais dirás: “Não tenho mais prazer”. Antes que se escureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e que voltem as nuvens depois da chuva; no dia em que os guardas da casa tremem e os homens fortes se curvam, em que as que moem, pouco numerosas, param, em que as que olham para pela janela perdem o seu brilho. Quando se fecha a porta da rua e o barulho do moinho diminui, quando se acorda com o canto do pássaro e todas as canções emudecem; quando se teme a altura e se levam sustos pelo caminho, quando a amendoeira está em flor e o gafanhoto torna-se pesado e alcaparra desabrocha, é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram sua morte começam a rondar pela rua. Antes que o fio de prata se afrouxe e a taça de ouro se parta, antes que o jarro se quebre na fonte e a roldana arrebente no poço, antes que o pó volte à Terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu. Vaidade das vaidades – diz Coélet – tudo é vaidade.*



O livro de Eclesiastes é polêmico. A polêmica surge porque o livro apresenta uma visão que muitos consideram pessimista, mas que tem um tom realista. O livro parte da ideia de um fim igual para todos que leva a refletir como a vida deve ser levada pelas pessoas. Como indica Leandro (2022),

*Talvez seja a certeza do fim que relativiza tudo e torna inúteis os excessos, as fadigas que impedem de desfrutar os momentos de alegria, descritos por Coélet como as atividades mais simples da vida, tais como comer, beber, repousar do trabalho, estar com pessoas amadas. Nisto está a alegria de viver, todo o resto é afano inútil, vazio, nada. Envelhecer é, por isso, um processo que começa a ser preparado na juventude e tem seu verdadeiro início quando as forças começam a faltar, quando o que antes proporcionava prazer e alegria a não mais apetece.*

Essa forma de ver a vida vai contra uma religiosidade mercantilizada, que busca a felicidade apenas nos bens materiais. A teologia da retribuição e a teologia da prosperidade não têm sentido diante de realidades em que bons e maus têm o mesmo fim: a morte. Como indica Líndez (1999, p. 31),

*Ele enfrenta, de rosto descoberto, os mais graves problemas que atormentam o homem, e põe por escrito sem melindres o resultado de suas investigações sobre o escasso valor das coisas, até as mais estimadas, sobre a mentira da vida em família e na sociedade, sobre a concepção mercantilizada da religião e os supostos conhecimentos do ser misterioso de Deus, sobre a fria realidade da morte e sua repercussão na maneira de conceber a vida etc. Por isso causa escândalo tantas vezes e tem, todavia, razão no que diz.*

Nesse sentido de finitude, de limite, Sérgio Britto propõe visões de vida e de Igreja mais voltadas para as relações pessoais. Essa posição deixa de lado a ideia de que há alguma “proteção material” que Deus supostamente daria aos bons em detrimento aos maus. Ainda que não seja tão explícito como nas duas outras músicas, o tom crítico é bem aparente na música.

Assim, “Epitáfio” também tem um tema de Eclesiologia. Propõe, como o Eclesiastes, uma Igreja que aceite a diversidade, que se estruture em um lugar de diálogo mais do que um lugar de separação dos “puros” definidos a partir de seus bens materiais, de suas posições sociais.



## 5 A Teologia na vida das pessoas

A Teologia não é algo exclusivo dos teólogos. Qualquer pessoa pode fazer sua proposição sobre Deus e a relação de Deus com as pessoas. E isso pode ocorrer de várias formas. Isso é Teologia. Como indica Boff (2015, p. 606),

*Os teólogos não são cristãos de classe superior. Eles têm a mesma fé que os simples. Eles não sabem outras coisas que os demais fiéis. Sabem a mesma coisa, só que de outro modo, isto é, cientificamente. O que têm a mais não é a substância da fé, mas apenas uma forma de compreensão mais elaborada da mesma. A teologia não representa uma fé superior, mas somente uma fé mais desdobrada, justamente na forma do discurso.*

Assim, o conhecimento teológico, ainda que não elaborado cientificamente, está disperso entre as pessoas e em manifestações artísticas. Teologia não é apenas um conjunto de tratados acadêmicos. Conforme indica Boff (2015, p. 132),

*Essa tradição da “sabedoria dos simples” está na verdade enraizada nas Sagradas Escrituras. Aí se diz que é Deus mesmo que ensina a sabedoria aos pequenos [...]. Paulo afirma que a “sabedoria de Deus” por ele pregada está escondida aos “príncipes deste mundo” [...]. Jesus mesmo louva o Pai porque ocultou os mistérios do Reino aos “sábios e doutores” e os revelou aos “pequeninos”. O Espírito é o mestre dos fiéis.*

Por esse motivo, não é estranho que um grupo musical como o Titãs apresente músicas relacionadas com questões teológicas. Todas as pessoas podem participar dos debates da Teologia. A Teologia é um diálogo com a realidade humana diante da Fé em Deus. Como indica Wolff (2022),

*A teologia produzida na academia sofre de um significativo déficit de engajamento eclesial [...]. Não significa que não se pesquisa sobre questões do interesse da igreja. Mas a teologia científica discute seus postulados na academia e seus resultados não aterrissam nas comunidades. Estas, órfãs de teólogos/as competentes, são orientadas por lideranças que transformam a mídia, as plataformas digitais e o púlpito em cátedras do ensino da fé, apoiando-se no sobrenaturalismo, num deísmo interveccionista, no pietismo, no fundamentalismo.*



Para essa aproximação, a academia deve reconhecer que sua fonte para a Teologia também envolve a vida prática. Esse envolvimento exige a abertura ao novo e ao diferente, ainda que a forma desse novo e diferente não seja a esperada academicamente. Essa Teologia não é a imposição da ideia cristã ou católica travestida de apologia em defesa de fundamentos. Com indica a Comissão Teológica Internacional (2012, § 53),

*A teologia tem uma competência específica e uma responsabilidade a esse respeito. Através de um diálogo constante com as correntes sociais, religiosas e culturais do tempo, e com abertura a outras ciências que, utilizando seus próprios métodos, examinam esses desenvolvimentos, a teologia pode ajudar os fiéis e o Magistério a ver a importância das evoluções, acontecimentos e tendências da história humana, e a discernir e interpretar as formas através das quais o Espírito possa estar falando para a Igreja e para o mundo.*

O diálogo na Teologia começa pelo entendimento das correntes e das evoluções sociais. Esse entendimento exige discernir, ou seja, conhecer e estabelecer claramente a diferença que se apresenta no pensamento do outro.

Assim, no caso das três músicas analisadas, o diálogo teológico nunca poderá propor a proibição ou desaconselhar que não sejam escutadas. Isso fecha o diálogo e a Teologia se perde. É preciso entender que “Igreja” é uma mensagem contra uma Igreja autoritária e passiva, que não permite a crítica. “Jesus não tem dentes no país dos banguelas” é uma crítica a uma Igreja que não se importa com os mais pobres. “Epitáfio” é uma crítica a uma Igreja que se propõe santa e exclui a diversidade.

A simples censura da Arte leva à impossibilidade do diálogo gerado pela obra de arte. E isso afeta toda a possibilidade de diálogo na sociedade como um todo, impedindo o crescimento pessoal. Como indicam Baldin e Ramos (2023),

*Além dos prejuízos econômicos e financeiros causados pela censura, priva-se a sociedade do debate potencialmente gerado pela obra de arte, enclausurando-a. Esse dano é mais evidente no enquadramento nacional em que a censura ocorre, mas, apesar disso, argumentamos que a censura também prejudica a cena de arte internacional, coibindo a experimentação artística baseada na troca e no diálogo.*

Isso não quer dizer que se aceitem pretensas expressões artísticas que, por exemplo, defendam a ofensa aos Direitos Humanos ou à



dignidade da pessoa. A arte não pode promover discriminação racial ou incentivar o assassinato. Isso é um dos critérios que separa a Arte da ofensa à dignidade humana. Por sua vez, a ausência de censura gera o respeito à individualidade. É esse respeito à individualidade que gera o diálogo. Como indicam Costa e Sousa Junior (2019),

*A censura é tão antiga quanto a cultura humana. A oposição existente entre nossa subjetividade e a vida coletiva faz com que nos sintamos sempre como dissidentes, buscando entender nossa identidade que nos faz fiéis à nossa interioridade e, ao mesmo tempo, pertencentes à coletividade. Essa oposição é sentida e vivida pelos indivíduos como limites à plena realização de nossa individualidade. A pressão da cultura dominante sobre a dissidência, que é própria da vida social, levou à criação de mecanismos censórios que, com o passar dos séculos, resultou na criação de órgãos censórios e práticas rotineiras de censura.*

Ouvir as vozes dissidentes é tarefa da Teologia. Ainda que essas vozes dissidentes venham de fora da academia. Ela não pode deixar de escutar a dissidência, sob pena de apagar o diálogo e se tornar apenas uma cultura acadêmica, fechada em seus próprios conceitos.

### Conclusão: É preciso proibir?

A ideia de censura é o fechamento ao diálogo. Porém o diálogo é a tarefa fundamental da Teologia. O diálogo com o “homem de hoje” está reforçado no Concílio Vaticano II (1965, GS1). Não é um diálogo apenas intramuros, mas com a sociedade, que deve ser considerada parte da Igreja, com seus diversos dons (cf. 1Cor 12). Uma Igreja que não consegue viver com ideias divergentes ou ideias em exterioridades diferentes, perde a capacidade de articular, de relacionar-se com a realidade atual, fechando-se a um conjunto de dogmas e proibições. Sem essa articulação, torna-se hermética, fechada em suas apologias e ritos. Tudo o que diverge vira perseguição, contrariedade e ameaça, abrindo caminho para ações fundamentalistas. E a Igreja se torna perseguidora dos que pensam diferente.

As três músicas analisadas fazem uma crítica eclesiológica que pode ser encontrada, inclusive, em textos do Antigo Testamento como foi apresentado anteriormente. Assim, é preciso não demonizar manifestações artísticas em suas mais variadas formas, seja pela censura, seja pela falta de compreensão. É preciso sair da análise da forma para



entender o conteúdo da Arte. É preciso entender a Arte em seu contexto como elemento para a criação da articulação com a sociedade. É dessa articulação que nasce o diálogo.

Articular significa, no caso das músicas, o entendimento do contexto social e pessoal da composição. Um poema não é apenas o que está escrito em poucas palavras, mas todo um contexto social, que deve ser entendido para estabelecer o diálogo com esse poema e entender seu significado. Se uma música diz “não gosto de Igreja”, essa frase tem um contexto maior do que a simples preferência do autor. No caso, o autor não gosta de Igreja porque a Igreja proíbe que se argumente.

O que se observa, considerando a interpretação contextualizada, é que as três músicas dos Titãs trazem questões teológicas atuais. Essas questões, portanto, devem ser debatidas no mundo atual e dentro da vida da Igreja. Igreja não é lugar de censura, mas lugar de questionar e pensar. A Igreja é lugar de diversidade de dons (cf. 1Cor 12) e, portanto, deve ser lugar de diálogo e não de censura. A Teologia dos Titãs alerta para essa necessidade dentro da Igreja.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. A. R. e MURAKAWA, C. A. A. Um estudo sobre as mudanças semânticas das lexias banguela, freguesia, freguês e jornal. *Moara* – revista eletrônica do programa de pós-graduação em Letras. n. 63, p. 10-30, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i63.15332>.

ARANTES, A. C. Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*: e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. Edição do Kindle.

BALDIN, V. P. e RAMOS, D. O. Novas perspectivas de censura às artes na cena internacional. *Revista VIS*: revista do programa de pós-graduação em Artes Visuais, v. 22, n. 1, p. 6-17, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.26512/vis.v22i1>.

BARBOSA, A. M. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. *Estudos avançados*, v. 3, p. 170-182, 1989. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.



COLÉGIO EQUIPE. *História*. 2024. Disponível em: <https://colegioequipe.g12.br/a-escola/historia/>. Acesso em: 6 maio 2024.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios*. Vaticano, 2012. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_doc\\_20111129\\_teologia-oggi\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_po.html). Acesso em: 9 maio 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes*. Vaticano, 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 8 set. 2024.

COSTA, M. C. C. e SOUSA JUNIOR, W. Censura e pós-censura: uma síntese sobre as formas clássicas e atuais de controle da produção artística nacional. *Políticas culturais em revista*, v. 11, n. 1, p. 19-36, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.9771/pcr.v11i1.28154>.

FABRICIO, L. B. música e política: o rock dos anos 80 e as representações sobre a sociedade brasileira. *Cordis: revista eletrônica de história social da cidade*, v. 2, n. 30, p. 126-164, 2023.

GEBARA, I. A responsabilidade das religiões na defesa da laicidade do estado e da democracia. In: KUZMA, C.; BINGEMER, M. C. L.; SERRATO, A. C. (org.). *Religião, laicidade e democracia: Cenários e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 127-143.

GRÜN, A.; ROBBEN, R. *Estabelecer limites – respeitar limites: segredos para relações interpessoais bem-sucedidas*. Petrópolis: Vozes, 2010.

JORGE, C. S. Raul Seixas, Rock e Mestiçagem. *Algazarra*, n. 1, 2012.

LEANDRO, C. A. C. O envelhecimento em perspectiva sapiencial: um estudo de Eclesiastes 11,7-12,8. *Revista brasileira de interpretação bíblica*, v. 3, n. 5, p. 159-180, 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n5p159>.

LIBANIO, J. B. Teologia em revisão crítica. *Horizonte – revista de estudos de teologia e ciências da religião*, p. 1328-1356, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.2175-5841.2013v11n32p1328>.

LÍNDEZ, J. V. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*: Machado de Assis, Rio



de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://machado.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 maio 2024.

MARMO, H.; ALZER L. A. *A vida até parece uma festa: a história completa dos Titãs*. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2022.

PAIVA, M. L. P.; BENATTE, A. P. Rock e religião: algumas metamorfoses do Diabo. *Plura*, revista de estudos de religião, v. 7, n. 2, p. 347-363, 2017.

ROSA, T. B. Entre o mainstream e o underground: origens, trajetórias e capitais nos dois polos do rock brasileiro dos anos 1980. *Revista sem aspas*, v. 11 esp.1. p.e022020-e022020, 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.29373/sas.v11esp.1.17060>.

ROSSI, L. A. S. *A origem do sofrimento do pobre: teologia e antiteologia no livro de Jó*. São Paulo: Paulus, 2017.

SUNG, J. M. Direitos humanos, neoliberalismo e religião. *Caminhos – revista de ciências da religião*, v. 17, p. 81-95, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.18224/cam.v17i4.7858>.

TERRIEN, S. *Jó*. São Paulo: Paulus, 1994.

TRIBUNA DA IMPRENSA. *Sarney pensa pelo Papa e proíbe “Marie”*. Rio de Janeiro: Tribuna da Imprensa, 5 fev. 1986, p. 3.

WOLFF, E. A teologia na academia: valores, desafios e possibilidades. *Teología y vida*, v. 63, n. 2, p. 149-177, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.7764/tyv/632/1/149-177>.

XAVIER, L. O esmagamento do pobre a partir do profeta Amós: violações sociais em lugar da justiça. *Caminhos – revista de ciências da religião*, v. 17, p. 771-790, 2019. DOI: <https://dx.doi.org/10.18224/cam.v17i2.7154>.